

# o olhar diferente de Wilson Martins

Ruy Wachowicz



A presente obra de Wilson Martins recebeu dupla inspiração: uma a nível nacional e outra a nível regional. A nível nacional está o grande sociólogo de Apipucos, Gilberto Freyre, que, em sua *Casa Grande e Senzala*, valorizou o luso-tropicalismo na América. A nível local está o estímulo recebido do paranguara Bento Munhoz da Rocha Neto, aliás, o mais destacado intelectual da tradicional elite paranaense. O "paranismo" de Bento parece haver estimulado W. Martins a seguir Gilberto Freyre no Paraná.

Se Freyre pretendeu exaltar a contribuição lusa nos trópicos, Martins sonhou em redigir uma epopéia aculturativa do imigrante no clima temperado do Paraná tradicional. Ele tentou substituir a epopéia freyreana do português nos trópicos pela odisséia dos "homens norte-europeus" no clima temperado do sul do Paraná.

Gilberto Freyre revelou possuir uma sólida formação histórica e antropológica, dando-se ao luxo de não utilizar um método claro em sua obra; Martins revelou não possuir nem formação histórica nem preocupação de utilização de qualquer método.

Analisando mais detalhadamente *Um Brasil Diferente*, deparamo-nos com uma série de observações que ressaltam das páginas do livro:

1) O grande mérito deste literato foi tentar fazer pesquisa de história com a utilização, muito freqüente, dos jornais curitibanos como fonte, valendo-se de exemplares tanto do século passado como do atual. Até 1955 (ano da 1ª edição), nenhum historiador utilizou-se com tanta profusão dessas fontes. Pode-se dizer que Martins passou "pente fino" nos acervos jornalísticos do Museu Paranaense e da Biblioteca Pública. Mas, para concretizar um ensaio sobre aculturação e miscigenação dos imigrantes no Paraná, era imprescindível a utilização de duas outras fontes: os arquivos e autores de cada corrente imigratória (alemães, poloneses, italianos, ucranianos etc.) e a fonte maior de nossa história (pelo menos até 1930), o Arquivo Público. Este último, embora citado pelo autor, não foi utilizado.

2) No afã de gerar uma obra que fosse, ao mesmo tempo, prosseguimento e antítese à de Gilberto Freyre, Wilson Martins procurou provocar uma *capitis diminutio* da contribuição portuguesa e africana na sociedade paranaense. Com essa finalidade, não titubeia em exaltar em demasia a contribuição do imigrante e simplesmente ignorar a contribuição portuguesa e africana na formação da sociedade paranaense: "... a presença do imigrante, em primeiro lugar, e, depois, a ausência do português e a inexistência da escravatura, de tal forma que os dois últimos não chegaram a atuar como forças sociologicamente ponderáveis" (pág. 5).

O fato de, no século XIX, o Paraná não receber uma copiosa corrente imigratória portuguesa, não credencia a que se neguem

a importância e a presença portuguesa no Estado. Nos séculos XVII, XVIII e início do XIX, a presença portuguesa é notória: no litoral, em Curitiba e nos Campos Gerais. Ademais, todas as instituições que organizavam a sociedade local, tal qual no Brasil inteiro, eram de origem portuguesa. Acreditamos que, mesmo no auge da imigração para o Paraná no século XIX e início do XX, a maioria da população ainda era de origem luso-brasileira. É um estereótipo perigoso atribuir à imigração não-portuguesa a descendência da maioria da população do Paraná tradicional.

Por outro lado, negar a importância da escravidão no Paraná é também imperdoável. Ignorar os quilombos dos Campos Gerais, os capitães de mato, as execuções de escravos, a elevada presença de negros e escravos no litoral, Curitiba e Campos Gerais, não é aceitável. A existência de um percentual menor de escravos na formação da população da região, em relação às regiões das grandes *plantations* de açúcar, café ou cacau, não elimina sua importância e influência. A sociedade paranaense até 1888 foi escravocrata.

3) W. Martins aborda os temas propostos de forma repentina e procura não sair do nível regional. Sua concepção de história regional é a de um compartimento estanque. Não faz correlações a nível nacional. Entre muitos temas assim tratados, podemos citar o item *Política de Imigração* (pág. 74). O autor não faz referência alguma à política imigratória seguida pelo governo imperial. O Paraná é para ele um caso à parte. Com relação às unidades políticas vizinhas, como São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, segue a mesma concepção de história regional, isolada.

4) No desenrolar da narrativa, Martins descobre que os "homens norte-europeus" provocaram no Paraná uma forte miscigenação entre si, originando um "homem paranaense" (pág. 108). Em consequência, sua representação não seria (como no Brasil tropical), a de um "triângulo retângulo", tendo por hipotenusa o elemento português, o índio como o lado mais curto e o africano como o mais longo. No Paraná, a representação étnica seria um polígono irregular de sete lados: polonês, ucraniano, alemão, italiano, os "pequenos grupos", o índio e o negro (estes últimos praticamente insignificantes).

Nestas observações constata-se estranhamente que Martins valoriza a contribuição do índio de forma mais explícita que a do português na formação da sociedade paranaense (base das instituições, língua e cultura brasileiras).

5) Em toda a obra detectam-se manifestações de opinião pessoal como consequência da formação etnocêntrica do autor. As evidências documentais são muitas vezes deixadas de lado. Este etnocentrismo revela-se quando Martins se coloca numa posi-

ção extremamente favorável ao elemento germânico e numa nítida antipatia ao elemento eslavo. Exemplos: na pág. 108, o autor reconheceu que o elemento ucraniano seria um dos lados do polígono étnico paranaense, mas em toda a obra não há nenhum estudo sobre os mesmos, nem sequer referências à sua influência. No "índice dos assuntos" (pág. 455), os ucranianos simplesmente não existem. O item "russos" do índice (que poderia ser o dos ucranianos) refere-se aos russo-alemães do Volga.

A influência polonesa (maior corrente imigratória do Estado), Martins dedica 41 linhas (pág. 191), enquanto os alemães são aquinhoados com 771 linhas (págs. 192-213). Na pág. 218, aborda o item "cientistas estrangeiros". Todos os cientistas estrangeiros, ligados ao Paraná e citados, são alemães. O autor ignora, ou esqueceu, que os primeiros estudos geológicos do Paraná foram feitos por J. Siemiradzki em 1898; que o ornitólogo T. Chrostowski, após inúmeras expedições científicas nos sertões paranaenses, enviou para inúmeros museus europeus cerca de dez mil exemplares de pássaros paranaenses; que a cirurgia na Universidade do Paraná foi implantada por S. Kossobudzki; que Curitiba transformou-se em um dos maiores centros de oftalmologia brasileira, tendo sido iniciado o trabalho com a ação de J. Szemanski etc.

Quando Wilson Martins estuda a arquitetura introduzida ou modificada pelo imigrante, ignora a arquitetura rural desenvolvida pelos poloneses e ucranianos e exalta a dos alemães, de nítida característica urbana. Valoriza *in extremis* as características germânicas urbanas, num Estado nitidamente rural como era o Paraná em 1955.

No estudo das escolas coloniais (escolas de imigração), Martins dedica 423 linhas às escolas alemãs, 110 às francesas, 18 às italianas, 15 às polonesas e nenhuma aos ucranianos. Ora, a maior rede de escolas coloniais no Paraná (num total de 167) foi construída pelos poloneses, inclusive algumas de nível secundário.

A partir da pág. 441, o autor aborda a influência dos imigrantes na ginástica e nos esportes. Novamente ignora a contribuição polonesa: sessenta centros de ginástica e esportes, somente no Paraná.

Nestas condições é impossível não constatar que a ideologia etnocêntrica do autor possui uma nítida tendência anti-eslava e uma forte valorização do elemento germânico.

6) Além dessas observações, a obra de Wilson Martins possui aspectos historiográficos dignos de serem ressaltados: a estrutura da obra (imitando Gilberto Freyre) analisa o Paraná através de uma nova abordagem: a paisagem, o homem, a casa, a comida, a roupa, a família, as técnicas, as idéias. Foge da tradicional abordagem cronológica da história: colônia, império e república. É o primeiro autor a destacar o pioneirismo e a importância da colonização promovida pelo presidente Lamemha Lins, a partir de 1876. Nesta oportunidade, Lamemha Lins criou as inúmeras colônias ao redor de Curitiba, resolvendo o grave problema de falta de abastecimento da capital paranaense.

Em todo o corpo da obra, o autor centrou a história do Paraná tradicional na problemática de sua formação étnica e abordou de forma pioneira os conflitos entre o tradicional catolicismo paranaense (em tudo parecido ao luso-brasileiro de outras regiões do país) e o protestantismo evangélico oriundo das correntes imigratórias.

Se sua pretensão, com a presente obra, foi tornar-se um autor como Gilberto Freyre, no Paraná, Martins deixou muito a desejar. É fácil a um professor de literatura arvorar-se em historiador; o difícil é atingir seus objetivos em campo desconhecido. Wilson Martins pode ser um grande professor de literatura, mas, em assunto de historiografia, demonstrou que não é do ramo.

**UM BRASIL DIFERENTE** — ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná — Wilson Martins. São Paulo, 2ª ed., T.A. Quieroz Ltda., 1989. 470 páginas.

**RUY WACHOWICZ** é professor de História da UFPR, autor de dez livros sobre história regional e co-autor da *Pequena Enciclopédia Delta-Latense*.